

ERNESTO RODRIGUES (1956-) – writer, scholar and translator – is a professor at the Faculdade de Letras (School of Arts and Humanities) of the University of Lisbon. His scholarly publications prominently include an authoritative edition of the *Fastigínia* - Ernesto Rodrigues (ed.), *Fastigínia, de Tomé Pinheiro da Veiga – Edição, Estudo, Variantes e Notas* (Lisboa: CLEPUL, 2011). A former journalist and lecturer in Portuguese at the University of Budapest from 1981-1986, he has also published twenty works of both poetry and fiction from his debut in 1973 until his most recent publication, *Teatro*, in 2021.

For our project, Ernesto Rodrigues has generously agreed to revisit Tomé Pinheiro da Veiga's text in the form of a fresh essay – that you will find below.

Uma embaixada inglesa em Valladolid (1605)

Ernesto Rodrigues

Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, CLEPUL

Fastigínia, do jurisconsulto Tomé Pinheiro da Veiga (1566-1656), impõe uma revisão da novelística portuguesa, enquanto questiona a identidade nacional. Há muito que o novo título (Sampaio Bruno editara-o como *Fastigímia*, 1911, em péssima leitura) exigia a *constitutio textus*, daí passando às instâncias culturais que vêm fazendo a fortuna da obra: factos, autores, personagens e títulos literários; diálogo; registos linguísticos e aforística; religião; política; economia; sociedade (com enfoque maior nas relações de género); jogos, festas, lazer; luxo e ostentação; gastronomia; artes, arquitectura, engenharia, urbanismo.

Procurei, ao editá-la criticamente (Veiga, 2011), assente em 13 manuscritos e outros testemunhos, dar um livro novo com interesse junto das culturas ibéricas, a par da educação greco-latina, da italiana (e fundamental presença de Ariosto), de ecos franceses, e, sobretudo, de uma política inglesa que não

escondia homenagem a Thomas Morus. Algumas daquelas instâncias conjugam-se na visita de embaixada inglesa.

O “Tratado de paz, alianza, e comercio, entre el Señor Rey Católico Don Felipe III [1598-1621] y los Señores Archiduques Alberto, e Isabel Clara Eugenia sus hermanos de una parte, y el Serenísimo Rey de Inglaterra, Jacobo I de la otra” – seja, Jaime VI da Escócia [desde 1565] e I de Inglaterra [1603-1625] –, concluído em Londres em Agosto de 1604, ratificado em Junho de 1605, em Valladolid, justifica desenvolvimentos em *Fastigínia* (1605; 2011). Veremos como se descreve um reencontro, após a Armada Invencível (1588), e que imagem deixam os ingleses na retina de Veiga, cuja obra inaugura a recepção mundial de *Don Quijote de la Mancha*. Apresentemos um quadro geral de Espanha.

A guerra na Flandres e as letras de câmbio genovesas, que a literatura quevediana e outras verberaram, destroem a monarquia. A Flandres exigia três milhões de ducados por ano; em paz, metade. Anualmente, as Índias Orientais rendem trinta e quatro milhões, mas tudo se esgota. Na última década de Quinhentos, a Espanha importa cerca de 20 toneladas de ouro e três mil de prata. Desde 1601, diminuem os fluxos de prata, já limitada no México e no Peru. As cortes castelhanas de 11-III-1602 noticiam que as oito casas da moeda dos reinos lavraram 620 mil ducados de «vellón», mas «sin plata alguna», o qual estava a valer 110 maravadis, em casa, mas somente vinte fora desses reinos¹.

O século abre com grandes subidas de preços e, quando o rei não pode alimentar um jogo de touros, socorre-se de «penas», que fecharam Quinhentos a taxar, mesmo, o pão. Também pestes transitam de século e decaí a demografia, enquanto se alarga a improdutividade fidalga. Na falta de mão-de-obra, um jardineiro quase triplica o salário – de 3 470 para nove mil maravedis –, entre 1599 e 1603. O real castelhano valia 34 maravedis. Mas as flutuações do grão

¹ Cf. Belenguer, 1997: 68, e Elena María García Guerra, 1999: 39.

arrastam fomes: uma fanega (fanga; antiga medida que varia entre 13 e 22 litros) de milho andaluz passa de 204 a 1 301 maravedis, entre 1602 e 1605².

Era abissal a diferença entre classes: a renda anual do conde de Benavente, o mais poderoso de Valladolid, subia a 120 mil ducados, enquanto a mão-de-obra habitual de quem trabalhava trezentos dias por ano rondava os sessenta ducados (menos, se fosse escravo mouro ou negro, vagabundo, etc.). Um ducado podia significar 375 maravedis ou 11 reais. Dez a quinze por cento da população da cidade era pobre – e lá está «um pobre que andava pedindo esmola» (2011: 48), que serve de intermediário na entrega de soneto. Todavia, cunha-se moeda de cobre em larga escala.

Muitos prevêem a catástrofe, que ninguém previne, antes se aproveita a especulação com os alugueres das casas bem situadas para espectáculos de dias, em que os preços quintuplicam, ganhando os proprietários nesses poucos dias mais do que em todo o ano. Alugando anualmente metade das casas – quando obrigados a ceder a outra metade à administração régia –, também enriquecem. Tudo somado, a inflação é galopante. As taxas nos portos secos, proibitivas.

A propósito da mostra geral da cavalaria de Espanha, em 11 de Junho, Tomé Pinheiro mostra as librés e apresenta a conta das «monstruosidades de gastos». Desperta uma opinião pública, que se torna política. Parasitismo fidalgo – que «são príncipes todos» e «mui amigos de levar boa vida», gente «destemida» no gastar, em que uma das inclinações era o jogo, onde se afundava o próprio rei³ –, eclesiásticos em número crescente e falhos de bom exemplo, queda na circulação da prata, preços e salários elevados, sobreendividamento na busca do supérfluo, prodigalidade, dívida externa galopante, neo-feudalismo

² No Capítulo Primero da Primera Parte do *Quixote*, lê-se que o nosso fidalgo «vendió muchas hanegas de tierra de sembradura para comprar libros de caballerías en que leer». Informa Rico (*in* Cervantes, 2005a: 40): «La *hanega* o *fanega* variaba entre media y una hectárea y media, según la calidad de la tierra; [...]»

³ «[...] en la Navidad de 1604 el marqués de Povar ganó al rey en el juego de naipes un millón cien mil reales y para buscar una equivalencia aproximada a esta suma conviene compararla con otras conocidas de la época: Lope de Vega recibía normalmente unos quinientos reales por cada comedia y consta la compra de su casa de la calle de Francos por nueve mil reales.» (Pariante, 1981: 13-14)

ultramarino – eis alguns troços de mau caminho, ajudado por vias de comunicação péssimas.

Quem ler *Restauración Política de España, y Deseos Públicos Que Escribió en ocho discursos el doctor Sancho de Moncada* (1619; Madrid, 1746), já não estranhará o prejuízo causado pelo comércio estrangeiro, face às importações e decorrente falta de dinheiro, sempre a desvalorizar; corolário destas práticas, o ócio; a baixa demografia, devida a pestes, guerras em Itália e Flandres, fomes, colónias e presídios, a par da expulsão de judeus, mouros, etc. O discurso 3, cap. II, é taxativo: «La pobreza de España ha resultado del descubrimiento de las Indias Occidentales.» (p. 54) Significativo discurso quarto: “Aumento perpetuo de las rentas reales de España”.

Em causa, não está só a desvalorização da moeda, mas gastos infinitos, que inspiram a venda de cargos e crescente pressão fiscal. Segue-se defesa das alcavalas sobre o supérfluo e demasias no traje, pedindo rigor na execução das leis e novas pragmáticas. O império dos cortesãos, religiosos e clérigos não ajuda; e vá de expulsar ciganos, que devem ser condenados à morte. Requer-se, no discurso oitavo, Universidade junto da corte, de modo a saber-se governar, que a política é uma ciência.

Face a este cenário, a paz com o mais perigoso dos adversários é bem-vinda. Acontece neste quadro:

8 de Abril de 1605, Sexta-feira Santa, nasce o príncipe, futuro Filipe IV (III de Portugal).

Tangem os sinos em sexta-feira de Endoenças, para estranheza dos portugueses, que «os castelhanos, nestas matérias, não guardam o nosso respeito e modéstia». Isso demonstra, porém, «o excesso com que os espanhóis amam o seu príncipe» (Veiga, 2011: 28).

9 de Abril, sábado, o rei visita a igreja de Nossa Senhora de San Llorente.

10 de Abril, domingo, os Conselhos vão beijar a mão ao rei. São referidos: Conselho Real, de Aragão, de Itália, de Índias, de Ordens, «de Hacienda y tribunales della», de Portugal, de Estado e Guerra, da Santa Inquisição, tal como a Cidade de Valladolid, Universidade e Colégio de Santa Cruz. Regozijo pela eleição de Leão XI.

A realeza agradece ao Céu; manda a cidade distribuir dinheiro; há visitas dos grandes. Calha, nesta conjuntura, eleição do papa, cuja morte breve acrescenta juízo sobre o papado, e mais entusiasmo com nova eleição. Critica-se duramente a diplomacia de Alexandre de Médicis – para não dizer hipocrisia, intriga e oportunismo. E sussurra a opinião que terá sido «mais eleição de sangue que de espírito» (p. 51). As quebras do celibato retornam em cónego de Toledo que vivia amancebado, com autorização do marido da senhora.

17 de Abril, domingo, procissão de acção de graças pelo nascimento de Sua Alteza até à igreja de San Llorente.

18 de Abril, segunda-feira, à tarde, máscara da cidade; à noite, luminárias. Descrição do carro triunfal da máscara, em que entram noventa e cinco cavaleiros da máscara, mais quinze regedores de Valladolid.

20 de Abril, quarta-feira, vem notícia de que os navios da embaixada inglesa chegaram, no dia 17, à Corunha. Por esse motivo, o baptismo é adiado.

27 de Abril, quarta-feira, morre Leão XI – o que só se sabe em 28 de Maio.

25 de Maio, quarta-feira, entrada do cardeal de Toledo em Valladolid.

26 de Maio, quinta-feira, entrada do almirante de Inglaterra em Valladolid. Não chovia há sete meses, pelo que a tempestade, súbita, que recebe tão ilustre embaixada criou grande desordem. Esta recolheu-se à casa do conde de Salinas. Primeiro retrato de conjunto:

Chama-se Carlos de Howard, conde de Nottingham⁴, almirante de Inglaterra, Irlanda e das terras de França, de que tem título a coroa. O título com que vem é visitar el-rei e deixar cá um embaixador, que traz consigo, que se chama Carlos de Cornualha, que dizem que é católico. Traz consigo dois filhos – o maior é conde, o outro barão – e um genro, que é seu vice-almirante, e três condes mais, e um sobrinho de el-rei de Inglaterra, e grande senhor, a quem o almirante embaixador trata com igualdade a si, e vantagem a todos os outros; traz mais cinco barões, cinquenta e dois cavaleiros que chamam *de la espada*, e são morgados herdados, e um filho do estribeiro-mor de el-rei, e outros fidalgarrões, que vêm por ver Espanha; e, assim, é gente toda lustrosíssima, como adiante direi. (Veiga, 2011: 73)

A descrição do traje fizera-se parágrafos antes:

Viriam com o embaixador, além dos que tinham já entrado, trezentos e cinquenta homens de cavalo, lustrosos todos: os seus gentis-homens, que seriam vinte e quatro, com capas largas de veludo negro chão, com muitos passamanes, calcetas, como imperiais, e roupetas de veludo chão amarelo, que pareciam muito bem, e os lacaios em corpo vestidos da mesma maneira, com roupetas e peidorreiras de veludo amarelo, e, no peito e nas costas, duas pranchas de prata como pratos com as suas armas de relevo esmaltadas, que parecem muito bem; os mais da companhia vinham mui lustrosamente tratados, mas todos se cobriam como melhor podiam, e as capas mui largas, com que ficavam desairosos. (p. 71)

28 de Maio, sábado, à tarde, o condestável vai buscar o embaixador, que beija a mão ao rei e à rainha. Primeira audiência.

⁴ Charles Howard (1536-1624) era almirante de Inglaterra desde Maio de 1585.

29 de Maio, domingo, dia de Pentecostes, de manhã, procissão da ordem de São Domingos; à tarde, em São Paulo, baptismo do príncipe, a que assistem todos os Conselhos.

Missa solene pelo nascimento é enquadrada por inúmeras e concorridas procissões. Seiscentos homens afadigam-se nos preparativos do baptismo, cujo acompanhamento e cerimónia são demoradamente descritos.

31 de Maio, terça-feira, a rainha vai à missa à igreja de Nossa Senhora de San Llorente; o condestável de Castela convida para a mesa o almirante de Inglaterra, abrindo as portas a quem o queira ver. Acompanhado por aquele, o almirante visita o duque de Lerma.

2 de Junho, quinta-feira, nova da eleição de Paulo V.

3 de Junho, sexta-feira, procissão de *San Diego*.

7 de Junho, terça-feira, banquete, privado, oferecido por Lerma aos ingleses; segunda audiência do rei ao almirante.

9 de Junho, quinta-feira, procissão do *Corpus*. À tarde, Espanha e Inglaterra ratificam o processo de paz⁵.

10 de Junho, sexta-feira, jogos de canas e touros.

11 de Junho, sábado, mostra geral da cavalaria das guardas de Castela, na Porta do Campo.

16 de Junho, quinta-feira, máscara e sarau, no salão do palácio, cuja arquitectura e forma se descrevem.

18 de Junho, sábado, entre récita de poemas, danças em que entram os ingleses e troca de presentes, partida do almirante de Inglaterra, destinado a La Coruña.

Na Europa da época, espanhóis e ingleses ratificam a paz de Londres de 1604. Doravante, aqueles passeiam-se melhor no Atlântico, além de poderem

⁵ A data oficial de ratificação seria 16 de Junho, a crer em Belenguer (1997: 68), que reproduz o essencial (p. 68-71).

centrar-se na guerra da Flandres; estes comerciam livremente com a Península e conquistam para os seus em território castelhano a liberdade religiosa. Aludidos os antecedentes, temos o percurso da embaixada inglesa, seu acompanhamento, fato, festas que lhe fizeram, beija-mão real; olhar sobre as suas heresias; despedida do embaixador.

Lidos conjugadamente *Fastigínia* e *Memorial* [1566-1628], de Pero Roiz Soares, atentemos nos seguintes passos: ambos confirmam as pazes e descrevem o almirante de Inglaterra, seus títulos e acompanhantes, que muito o respeitam. Atende aquela, depois, ao embaixador que fica em Espanha; este, à informação de que os ingleses não se podem envolver em brigas; e coincidem noutros pormenores: os visitantes entendem a língua; comem e bebem quantiosamente; guiados por embaixador prudente, respeitam as coisas sagradas – descarapuçando-se à vista do Santíssimo – e, logo, a Igreja Católica, com provável conversão de alguns; trazem bons pregadores, além de respeitadores do culto romano, temendo-se os nossos cronistas de que a semente anglicana medre em Espanha. O narrador ignora que, entre as cláusulas acordadas, «la Inquisición española tenía atribuciones para detener y condenar a los ingleses que, en territorio hispano, se negasen a hincar las rodillas ante el Santísimo Sacramento» (Losada, 2007: 36).

Se o *Memorial* se estende a outros desembarques, festas e banquetes ingleses, comungam, já, da satisfação destes pela estadia valisoletana, desvanecendo-se a desconfiança inicial, para que concorreu a decisão de adiar o baptizado do príncipe, que esperou pela embaixada, a recepção dos naturais e à-vontade com que o almirante intercede junto do rei por um pobre ladrão que cheirou a morte. Partícipes do baptismo, de lauto banquete, da procissão do *Corpus*, da festa de canas e touros, do sarau real, não deixa *Fastigínia* de criticar que eles não jejuem e que persistam em actos de pirataria contra as nossas naus. Apesar do que, são cumulados de ofertas, computando-se as despesas de el-rei com dobrar ao almirante – vinte mil cruzados, fora muitos cavalos, prata, jóias –

quanto o condestável, don Juan Fernández de Velasco, recebera no ano anterior em Inglaterra, e vindo aquele com mais de setecentos ingleses.

Colhem uma atenção dúplice, ora elogiados na atitude, cavalheirismo, vestimenta, ora, mais altos do que os ibéricos, brancos e louros, de nazarenos cabelos sobre os ombros, são tomados por «desleixados e sem brios e o ficam parecendo mais com as cabeleiras e capas de água largas, que trazem até ao joelho». A capa espanhola já encurtara, pelo que, e mais quando sobre as ancas dos cavalos, ficavam as capas feias.

Os ingleses usam chapéus de castor brancos ou negro e, neles, trancelins de ouro e medalhas de diamantes e rubis grandes, que o narrador assevera serem «feitas à custa das nossas naus da Índia». Vestem gibões de tela, apertados na cintura, e, em cima, couras de golpes bordados de ouro ou seda, calças como as nossas peidorreiras antigas, mas os golpes não são cortados, antes dobrados uns sobre os outros e bordados por cima; usam calções com muitas pregas e roupetas de formosíssimos cetins de seda, de dois forros. Trazem chamalotes de ouro e telas ricas e, em cima, bordados de primavera e outros labores perfeitos. Calçam sapatos «da mesma obra; e vi muitos com aljôfar, e outros de camurça, todos lavrados de crisólitos, até os próprios sapatos» (2011: 168).

Se os ingleses ainda vinham «com botas e canhões brancos de linho» (p. 70), serão as ensebadas botas dos portugueses – que tanto prezam unto de porco, com que brilhem, ao menos, nos pés – uma das razões para nos chamarem «sebosos». Outra, por «andarmos sujos e ensebados ordinariamente, e mal vestidos» (p. 318). Na figura da quixotesca personagem de 10 de Junho, associada a uma figura de Portugal, temos «um chapéu grande na sua cabeça e uma capa de baeta e mangas do mesmo, uns calções de veludo e umas boas botas, umas esporas de bico de pardal» (p. 37)⁶, além de óculos severos e barba

⁶ Imagem persistindo em Juan de la Plata (1641): dizendo os portugueses «musicos, enamorados, y belicosos» (p. B), retoma o fidalgo luso «cõ sus luas, & sus botas, & capa de baeta, con su criado de tras» (B3v).

alçada. Os óculos eram moda, muito cara; e denunciavam, afinal, um *falso*, com pé no ridículo, pois a baeta significava pobreza.

Em suma, os ingleses são vistos a melhor luz do que os italianos, pouco delicados com as senhoras e nada humildes.

Quando se trate de banquete, há-de ser «esplendidíssimo», «dos mais notáveis e mais ostentação que há muitos tempos se deu» (p. 125). Reunindo carne – que comem em todas as ocasiões – e o peixe que vai chegando (solho, salmões inteiros e todo o género de pescado, sem outra especificação), pôde um banquete oferecido pelo condestável aos ingleses, em 31 de Maio, atingir as quatrocentas iguarias.

São outros 762 nobres ingleses, capitaneados pelo almirante, à cabeceira, numa cadeira de brocado – que nem lavam as mãos (o que fazem no final), nem se benzem, antes de se sentarem nas cadeiras acolhoadas de espaldar – no faustoso banquete de 13 de Junho, dia do Corpo de Deus. São servidos 260 pratos de cozinha, com 24 variedades de pratos, quatro ou seis tipos de aperitivos (que já estavam na mesa, em 48 pratos) e o mesmo de postres.

Acrescem olhas, sopas doces, panquecas (sopas torradas com manteiga), arroz de leite, empadas, tortas, pastéis. E «coisas de ovos e leite» (2011: 167), que os hereges ingleses apreciavam, porque as comiam à sexta-feira, bem como menudinhos de porco, «fressura e tudo o mais de dentro» (p. 409).

Os castelhanos «comem mui como fidalgos, limpa e concertadamente» (p. 162), mas sem critério, «sem licença de médico, nem confessor» (p. 408). Tão pesadas dietas, contudo, são a melhor cura na doença. Os ingleses comem e bebem menos do que os portugueses. Eis, pois, como Veiga se torna imprescindível, quando se reúnem diplomacia e gastronomia⁷.

Tardia é também a carga de ironia que assoma: as armadas estão inactivas (enquanto os holandeses se substituem aos portugueses nas Índias Orientais e Ocidentais), «sem em quarenta anos sabermos que fizessem um feito honrado,

⁷ Quadro geral sobre matéria tão substancial está em Simón Palmer, 1997.

dando em um porto dos inimigos, ou chegando a lhes ver o fogo das suas chaminés», mas sem se esquecerem de «tirar-nos os toucinhos do fumeiro cada ano». Como logo se nomeia o duque de Medina, que da armada espanhola há-de fazer «o que da de Inglaterra» (2011: 57), a provocação sobe, ninguém ignorando que o duque de Medina Sidónia comandava em 1588 a Invencível Armada, que, de facto, não chegou a ver fogo de chaminé inglesa...

Já com o Santo Ofício, e apesar dos cuidados, ainda temos uma dama sibilina dizendo aos ingleses que deviam estar gratos, por não serem recebidos «con fuego» (p. 72), ou seja, atirados para um auto-de-fé. Um inglês, todavia, será assaltado na rua por marginal. Salvo estes remoques, a embaixada inglesa saiu cumulada; os castelhanos passavam a ter outra liberdade no Canal da Mancha, pois a Inglaterra desamparava os holandeses.

Nesses dias, Cervantes passeava-se pela capital do Império, essa Valladolid tão celebrada desde o paratexto até à terceira parte, Pincigrafia. Quis Pascual de Gayangos (na *Revista de España*, em 1884, quando anuncia o manuscrito do Museu Britânico, artigo com que começa o descobrimento de Veiga) ver o nome Cervantes em *Fastigínia* – «uno de los libros más interesantes de nuestra literatura» –, onde, de facto, aparece, mas verosimilmente como apelido de uma criada. Tanto bastou para que esta obra seja, desde finais do século XIX, mais conhecida e estudada em Espanha do que em Portugal.

Bibliografia

BELENGUER, Ernest. 1997. *Del Oro al Oropel. II. El Hundimiento de la Hegemonía Hispánica*. Barcelona: Editorial Ariel.

CERVANTES, Miguel de. 2005a. *Don Quijote de la Mancha*. Edición del Instituto Cervantes 1605-2005. Dirigida por Fernando Rico. Madrid: Galaxia Gutenberg / Círculo de Leitores.

GUERRA, Elena María García. 1999. *Las Acuñaciones de Moneda de Velón Durante el Reinado de Felipe III*. Madrid: Banco de España.

LOSADA, Juan Carlos. 2007. "La hegemonía imposible". *Historia y Vida* (Barcelona). 476, Noviembre.

PARIENTE, Angel, ed. 1981. *Antología de la Poesía Culterana*. Madrid: Ediciones Júcar.

PLATA, Juan de la. 1641. *Defensivo contra el Frenesi, qve he dado a Portugal, en las ultimas boqueadas del año admirable de 1640 y desengaño de la vanidad lositana. Recetado por Marcelino de Campoclaro, [...]. Dedicado a Todo Humano Lector, como no sea Portugues, de los revelados al descubirto, ni de los obedientes al dissimulo*. Alcalá de Henares.

SIMÓN PALMER, María del Carmen. 1997. *La Cocina de Palacio (1561-1931)*. Madrid: Castalia.

VEIGA, Tomé Pinheiro da. 2011. *Fastigínia*. Ed. de Ernesto Rodrigues. Lisboa: CLEPUL.

Resumo: O rei Filipe III e a delegação inglesa ratificaram, em Valladolid (1605), o Tratado de Londres (1604). Como é que *Fastigínia* descreve os ingleses?

Palavras-chave: Filipe III; Tratado de Londres; ingleses; *Fastigínia*.

Abstract: King Philip III and the English delegation ratified, in Valladolid (1605), the Treaty of London (1604). How does *Fastigínia* describe the English people?

Keywords: King Philip III; Treaty of London; English people; *Fastigínia*.